

Mais de 1.500 pessoas invadem conjunto em Camburi 11935

Fotos de Nestor Müller

Quinhentas e quarenta famílias, totalizando mais de 1.500 pessoas, invadiram todos os apartamentos do condomínio Village da Praia, em Jardim Camburi. A ocupação ilegal começou há três dias, segundo invasores, e culminou na manhã de ontem, sob a presença da Polícia Militar. As unidades — quitinetes e duplex com dois quartos — foram construídas há três anos pela empresa Enca, sendo a Cohab-ES — Companhia Habitacional do Espírito Santo — credora hipotecária, conforme explicou o diretor imobiliário do órgão, Ater Florindo, embora não soubesse informar o valor do imóvel.

Florindo afirmou que o condomínio — em fase de acabamento — foi abandonado pela firma construtora, que “deu uma de falida” na época. Logo após, a Cohab ingressou na 3ª Vara Cível de Vitória para se apropriar legalmente do imóvel, mas o processo ainda não teve solução. Dizendo-se “surpreso” com a invasão, o diretor da Cohab garantiu que a construtora “recebeu quase todo o valor do contrato”, sem entretanto revelar a soma.

Classe média

A maioria dos invasores é da classe média — médicos, contadores, engenheiros, comerciantes, técnicos e também desempregados —, vinda de Jardim Camburi mesmo e de bairros próximos — Jardim da Penha, Santa Lúcia, Goiabeiras — e também da Serra. No local 20 policiais em seis viaturas permaneciam de vigília, a fim de impedir o acesso de mobílias e objetos que caracterizassem a invasão e arrombamentos, como pés-de-cabra, martelos, machados e serrotes, embora esses materiais tenham sido encontrados com facilidade nos apartamentos. Os vidros e portas quebradas, entretanto, demonstravam que a corporação não obteve sucesso em sua operação.

A 300 metros do local, próximo ao módulo da PM na rua Vitalina Pereira Mota, outros 30 policiais alojados num caminhão da Companhia de Choque da corporação aguardavam “ordens superiores” para promover o despejo dos invasores. A autorização não ocorreu até o início da noite. Do lado de fora do Village da Praia, junto com as viaturas da PM e os carros de propriedade dos invasores, um caminhão com 16 homens contratados pela Cohab estava à disposição para retirar os objetos que foram levados para os apartamentos, conforme informou o gerente administrativo da companhia, José Antônio Mendit. Entretanto, grande quantidade de fios, colchões e escadas continuava a ser introduzida nos imóveis.

Despejo

Durante a tarde, o tenente Edmilson apreendeu algumas ferramentas e o material de uma “gambiarrá” que estava sendo instalada num dos apartamentos. Ele disse que chegou ao local às 7 horas e não registrou “nenhum flagrante de invasão”. Na sua opinião, “a Cohab não deu apoio à operação, deixando tudo por conta da PM. Deveria ter enviado fiscais e o advogado da companhia mais cedo”, disse o tenente.

Ainda ontem, segundo o diretor imobiliário da Cohab, foi solicitada uma liminar junto à Justiça Estadual para a ação de despejo.

“A PM poderia ter autuado vários invasores, mas suponho que não o fez devido à forma de governo de Max Mauro. Se fosse na época da ditadura militar, era só Eurico Rezende dar um berro que a polícia entraria com cassetetes”. O capitão Monteiro, da Polícia Militar, por sua vez, alegou não ter recebido determinação por escrito para retirar ninguém, a não ser dar cobertura ao pessoal da Cohab em caso de agressões”.

Invasores fazem verdadeira festa

O clima entre os invasores era de festa, assemelhando-se até mesmo a dias de piquenique. Com euforia, eles limpavam os apartamentos, enquanto as crianças brincavam no pátio cheio de mata. Muitos ficavam nas varandas das unidades, conversando com os “vizinhos”. Muita gente deixou de ir ao trabalho para “tomar conta” do apartamento ocupado. É o caso de Elza Silva de Souza, funcionária da Rádio Espírito Santo. Ela contou que é casada e mãe de dois filhos, mas está em processo de desquite.

— Pago Cz\$ 3.500,00 de aluguel, e vou ser despejada no sábado, porque o proprietário quer dobrar o preço e eu não posso pagar, já que meu salário é de Cz\$ 3 mil. Elza garantiu que ainda ontem à noite levaria sua mudança para o duplex que conseguiu ocupar, e avisou ao tenente que “ele só tira daqui o meu cadáver”. Ela contou que deixou o apartamento alugado no edifício Itaguaçu, em frente ao Village da Praia, pela manhã, e logo iniciou a limpeza da “casa nova”.

Mostrando o apartamento “limpo, desinfetado e encerado”, uma comerciante que preferiu omitir sua identidade revelou que “mudou-se” para o duplex do Village da Praia há três dias. “Hoje (ontem) é que deu esse tumulto, vindo essa gente toda de uma vez e arrombando tudo. O vigia deve ter dedurado a gente”. Ela disse que ontem iria levar sua mobília de Santa Lúcia para a unidade, mas temeu “o tumulto” e acabou desistindo. Muito animado, seu “vizinho” George Luiz Silva Bonfim, desempregado, disse estar “enjoado de arrombar portas”. Ele conta que chegou cedo, e até às 15 horas havia invadido quatro apartamentos, três deles cedidos a terceiros, após escolher um duplex bem localizado, de frente para a praia. Morador de Jardim da Penha, George disse que foi informado da invasão pelo cunhado, que por sua vez soube da notícia através de um motorista de táxi.

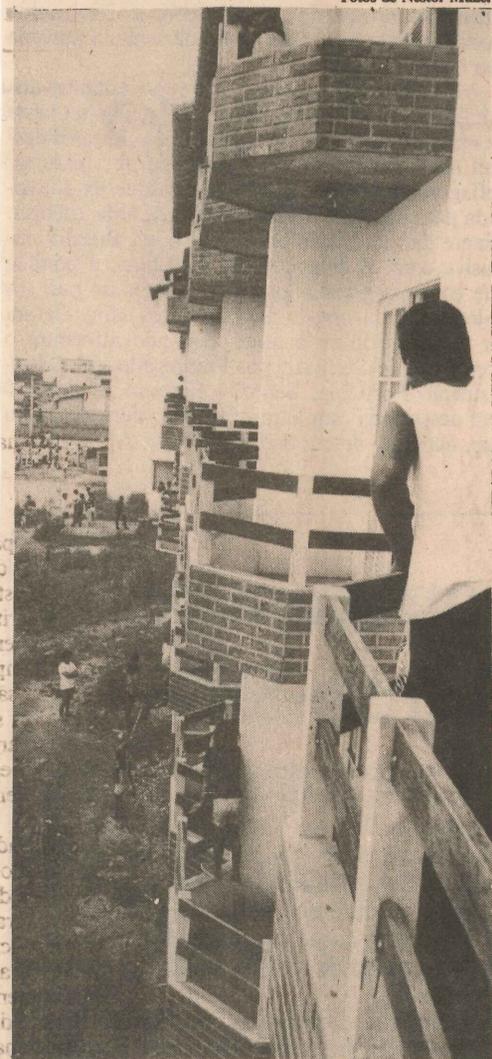
O invasor disse que mora em Jardim da Penha com seus pais, é noivo e reservou o apartamento para o casamento, que “está dependendo de Sarney para acontecer”. Oferecendo o imóvel à venda para a repórter, George é da opinião de que “a Cohab deveria estipular uma prestação de acordo com a situação financeira de cada um, em vez de acionar a polícia”. Contando que está aguardando contratação na CST, com salário de Cz\$ 7 mil, ele acrescentou que poderia pagar uma prestação de Cz\$ 1 mil ou Cz\$ 1.500,00 após estar empregado. Ele e seu “vizinho” Wanir Siqueira combinaram de revezar-se em turnos durante a noite, para garantir a ocupação.

Márcia Lane, modelo fotográfico, que também conseguiu assegurar um duplex, disse que “estava procurando um apartamento para alugar aqui por perto na segunda-feira e, quando tomei conhecimento a respeito da invasão através de um motorista de táxi, não deixei por menos: desisti de continuar a busca, mudando-me imediatamente”. E mais: espalhou a notícia para vários conhecidos. Ela disse, contudo, que a maioria dos ocupantes chegou após às 13 horas de ontem, depois de a novidade ter sido divulgada pela TV Gazeta.

A funcionária da Prefeitura de Vitória, Márcia Miranda Bernardina, não teve sorte: quando chegou ao local, às 15 horas, não conseguiu garantir nenhum apartamento para si: “Não invadi porque não deu mais tempo. Estavam todos ocupados. Revelando que mora com os pais em Jardim Camburi e que recebe um salário de Cz\$ 3.500,00, ela acha que “o pessoal tem mais é que invadir mesmo, porque os apartamentos estão abandonados há mais de três anos, enquanto muita gente está sem moradia”.



Ater: surpresa



A maioria dos invasores é da classe média



A PM esteve no local mas não interferiu